

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

**NO DIA 1.º DE MAIO
GREVE EM ALPIARÇA**

**GES
PCP**

pesar das forças repressivas locais terem sido reforçadas nessa altura com 50 agentes do bando da Pide e destes terem exercido toda a casta de provocações e intimidações, os valentes assalariados rurais de Alpiarça fizeram greve no dia 1º de Maio. Não puderam ir para o campo comemorar este dia devido ao mau tempo, realizaram várias reuniões de convívio nas suas próprias casas.

Também os assalariados rurais da região de Montemor-o-Novo não trabalharam no dia 1º de Maio.

NA CARRIS DE LISBOA:

GREVE DA COBRANÇA DE BILHETES! TRABALHO LENTO — CONCENTRAÇÕES MASSIVAS!

**7.000 trabalhadores forçaram o governo a ceder
alcançando uma importante vitória!**

Ao fim de 3 dias de greve na cobrança de bilhetes, de marcha lenta dos eléctricos e autocarros, numa extraordinária luta que conquistou a admiração e simpatia do povo de Lisboa, 7.000 trabalhadores da Carris conquistaram 20\$00 diários de aumento e o compromisso da revisão da convenção colectiva!

Dando um novo impulso à sua luta que durava há mais de um ano, os trabalhadores da Carris voltaram às concentrações massivas e a outras formas superiores de luta.

As manobras dilatárias, as ameaças e repressão, responde-

ram os trabalhadores com novas e poderosas concentrações demonstrando estarem absolutamente decididos a levar a luta até à satisfação das suas principais reivindicações.

**Cães polícias e polícias cães
contra os trabalhadores**

No dia 5 de Junho, pelas 17 horas, cerca de 2.000 trabalhadores indiferentes ao aparelho repressivo concentraram-se em frente da administração da Carris exigindo a revisão salarial. À recusa dos patrões ingleses a atender as suas reivindicações, responderam os trabalhadores com novas concentrações nos dias 4, 5, 6 e 7 e uma vez mais o governo fascista lançou as forças repressivas contra eles. No dia 19 dá-se nova concentração, tentando os trabalhadores, apoiados na população, desfilar pelas ruas. A brutalidade da repressão policial que utilizou criminosamente cães polícias conduzidos pelos polícias cães, impediu que os trabalhadores expusessem pacificamente as suas reivindicações. No dia 25 verificaram-se novas concentrações e novas violências.

Os trabalhadores recorrem a novas formas de luta

Demonstrando uma combatividade extraordinária os trabalhadores recorrem a formas de luta ainda mais elevadas. Recusando fazer horas extraordinárias abandonam o trabalho no justo momento em que terminam as 8 horas. Por este facto alguns autocarros são parados nos sítios mais diversos, incluin-

do ideia de que se até ao fim de Junho o aumento não for concedido se deve passar à greve. Efectivamente, no dia 1 de Julho começa a greve da cobrança dos bilhetes.

Esta greve que atinge em cheio os interesses dos monopolistas ingleses da Carris, é absolutamente total e prolonga-se pelos dias 2 e 3 de Julho com apoio completo e entusiasmo da população de Lisboa.

Atemorizado com o desenvolvimento de luta e das suas eventuais consequências, o governo, em medida de emergência, é obrigado a ceder a concessão de um aumento de 20\$00 diários.

Vendo que nem as ameaças,

nem a brutalidade repressiva chegam para vergar os trabalhadores e receando que a luta tome formas ainda mais decisivas e se alargue a outras empresas e classes profissionais de Lisboa, o governo é obrigado a ceder. Embora os 20\$00 diários de aumento não correspondam inteiramente à reivindicação dos trabalhadores, esta conquista representa uma importante vitória que não é de mais salientar.

Entretanto, o governo prepara, com os potentados da Carris, uma nova subida do preço dos bilhetes dos eléctricos e autocarros, lançando, mais uma (continua na 2.ª pág.)

NOVA GREVE DOS PESCADORES DE MATOSINHOS! A DESPEITO DO TERROR POLICIAL, A FIRME UNIDADE OS PESCADORES IMPÕE UMA VITÓRIA!

Nos dias 1 e 2 de Julho, a greve foi total em Matosinhos. Nenhuma traineira saiu para o mar.

Tudo começou com a recusa dos pescadores em receber os \$50 por cabaz de peixe descarragado em vez dos \$50 que reivindicavam.

No sábado, dia 29 de Junho muitos pescadores apresentaram-se no grémio para receberem o dinheiro que lhes cabia pelo enchimento dos cabazes.

Porem, ao saberem que o preço pago era de \$50 nem um recebeu! Já na véspera, um pescador que havia recebido os \$50 foi obrigado pelos companheiros a ir devolver o dinheiro.

Continuando a reivindicar os \$50, exigiram dos armadores uma resposta favorável até ao meio dia de segunda feira dia 1 de Julho.

Como os armadores não ce-

deram, os valentes pescadores recusaram-se unanimemente a descarrregar o peixe trazido na manhã desse dia.

Pescadores e mestres não cedem ao terror policial

Então, as autoridades policiais do porto e a Pide intimaram os pescadores a começarem a descarga no prazo de 15 minutos. Nem um só cedeu!

Em face disto, os mestres foram responsabilizados pelo que se estava a passar. Cerca das 3 horas da tarde todo o pessoal foi evacuado do cais e fechados os portões. A seguir os mestres das traineiras foram intimados a comparecer na capitania sendo vincado que nenhuma causa justificaria a sua falta.

Os mestres que se apresenta-

ram foram imediatamente presos às ordens da Pide! Em seguida, vários carros com metralhadoras percorreram a vila de Matosinhos (cafés, residências, etc.) à procura dos restantes mestres, sendo presos todos os que foram encontrados. Matosinhos viveu um ambiente de repressão e terror policial.

Terça feira, dia 2 de Julho encontravam-se presos todos os mestres que foram apanhados dos barcos que haviam trazido peixe no dia 1. Foram submetidos a interrogatórios na Pide.

Centenas de contos de peixe deixados ao mar!

Em face disto no dia 1 já nenhuma traineira saiu para o mar e mesmo sucedendo no dia 2,

(continua na 3.ª pág.)

ONDE ESTÁ A SOLUÇÃO DO PROBLEMA POLÍTICO PORTUGUÊS

A liquidação do imperialismo estrangeiro em território português constitui uma tarefa da revolução democrática e nacional, como muito justamente assinala o Programa do Partido Comunista Português.

Os imperialistas estrangeiros espoliam as riquezas nacionais, intensificam a exploração da classe operária, alargam os seus lucros astronómicos, conquistam novos mercados, buscando-se nos baixos salários dos trabalhadores e nas ruinosas vantagens que o governo fascista lhes oferece.

Representantes do fascismo salazarista participam lado a lado com os representantes do governo trabalhista inglês, do governo cristão socialista alemão, do governo democrata cristão italiano no bloco agressivo da NATO.

Com armas, aviões e navios fornecidos pelos países da NATO, Salazar muniçou e reorganizou as forças armadas portuguesas. Com bombas da NATO, com metralhadoras da NATO, com aviões da NATO, os colonizadores portugueses abusam os patriotas africanos que lutam pela independência de Angola, Guiné e Moçambique.

Os governantes trabalhistas ingleses, os dirigentes sociais democratas da Alemanha Ocidental não são aliados da luta do povo e dos democratas portugueses, como alguns pensam, mas um apoio da política salazarista, pelos serviços que esta prestados às forças imperialistas daqueles países.

Com justificada razão o camarada Álvaro Cunhal afirmava na sua recente entrevista à Rádio Portugal Livre, «Temos de desmascarar o verdadeiro significado e alcance da ideia que alguns têm espalhado de que a libertação do povo português pode vir do estrangeiro, da pressão daqueles mesmos que apoiam Salazar e exploram a nossa pátria, seja os próprios americanos cujo auxílio alguns têm a desvergonhada de procurar, seja lacaios do imperialismo como os «socialistas» ingleses de Wilson ou os «socialistas» ocidentais de Willy Brandt».

A luta democrática necessita, sem dúvida, da solidariedade internacional e conta com o apoio activo do campo socialista e das forças progressivas à escala do mundo. Mas o derrubamento da ditadura fascista tem de ser obra do povo e dos democratas.

As portuguesas. A solução do problema político nacional jamais poderá vir daqueles que sustentam abertamente o regime fascista, o apoiam na ONU e em outras assembleias internacionais ou com ele pactuam exames diversos.

A solução do problema político nacional reside antes de tudo na força e capacidade revolucionária das amplas massas populares, na sua organização e unidade. O regime dos monopólios e do imperialismo estrangeiro só pode ser batido pela luta da classe operária, dos camponeses, das massas laboriosas da cidade e do campo.

Os que receiam a acção das massas populares não preparam sólamente privar o movimento democrático da sua força fundamental. Falsificam a realidade nacional e substituem a prática de uma unidade actuante, com os comunistas e a classe operária, pela política de conflitos e de capitulação com os chamados «dissidentes» do regime. Em vez de avançar, aluta democrática reduz a sua eficiência, minada pela divisão.

A solução do problema político nacional baseia-se na unidade de ação das várias correntes anti-fascistas, fundamentada numa plataforma comum, livremente aceite e discutida.

Uma unidade sem organismos unitários, sem objectivos concretos, sem troca de experiências, sem acordos tácitos, que é necessário respeitar e aplicar, é uma unidade privada dos meios elementares de ocupação, dos órgãos e dos objectivos que podem pôr em movimento as camadas populares e os outros sectores sociais anti-monopólios contra a ditadura.

«De há muito nos declararmos prontos, em qualquer momento, para analisar em comum com todos os sectores anti-fascistas que o desejem todos os problemas da luta anti-fascista, para estudar em comum as experiências, debater ideias, procurar definir em comum um programa e uma tática, encontrar formas estabelecidas e eficientes de cooperação» — afirmou o secretário geral do Partido Comunista Português na sua entrevista à Rádio Portugal Livre.

O nosso esforço em favor da unidade não regateia sacrifícios. Lutamos sem tréguas para servir a causa da classe operária e do povo, para conquistar a democracia.

A GREVE DA CARRIS

(continuação da 1.ª pág.)

vez, sobre o povo de Lisboa, os encargos resultantes do aumento de salários, em vez de ir buscar-lhos aos fartos lucros arre-

cados por aquela poderosa companhia.

O povo não deve permitir esta manobra. Deve preparar a luta contra ela.

A revisão da convenção colectiva de trabalho que dê satisfação completa às reivindicações dos trabalhadores, deve constituir uma nova fase da luta

A vitória agora alcançada não termina a luta dos trabalhadores da Carris. A própria nota oficial do ministério das corporações diz claramente que os ajustamentos salariais obtidos não prejudicam o prosseguimento das negociações. Assim, os trabalhadores da Carris, fortalecidos com a rica experiência adquirida, com a consciência da sua força, com o reforço da sua unidade e organização, caminharão no sentido de impôr ao patronato e ao governo a revisão da convenção colectiva de trabalho de modo a satisfazer as suas principais reivindicações.

Trabalhadores da Carris de Lisboa!

Em nome da classe operária e de todos os trabalhadores do

país, o Partido Comunista Português saúda-vos calorosamente pela luta que travastes e pela vitória que alcançasteis!

A vossa vitória só foi possível porque ao longo de muitos meses vos mantivestes firmes e unidos na luta. Firmes e unidos devésis continuar até à satisfação de todas as vossas reivindicações!

Saudando os trabalhadores da Carris de Lisboa pela sua expediida vitória, o Partido Comunista Português aponta o seu exemplo de luta aos demais trabalhadores de Portugal militando particularmente aos dos caminhos de Ferro e da Carris do Porto!

Avente por novas lutas e novas vitórias!

DINIZ MIRANDA um alto exemplo de comunista

Diniz Miranda, o operário agrícola de Montoito, o militante responsável do Partido Comunista Português, que o tribunal plenário de Lisboa condenou a 5 anos e 8 meses de prisão maior e a «medidas de segurança», pertence à faixa de lutadores comunistas que o escritor soviético Naum Mar designou de «homens fortes como rochedos» no livro com este título, consagrado à luta dos comunistas portugueses.

Aos 19 anos, Diniz Miranda conheceu os cárceres e a brutalidade fascista. A sua consciência de explorado manifestou-se numa luta de trabalhadores rurais, em Montoito, sua terra natal. Este embate com a repressão fascista não o amedrontou. Revelou-lhe que a luta é dura e que os seus combatentes devem ser homens corajosos e tenazes.

Em 1955 voltou a ser preso. Diniz Miranda dera já provas suficientes para ascender, pelos seus méritos, à Comissão Central do MUD Juvenil.

Os suplicios que Diniz Miranda suportou nas longas noites de martírio, entre as mãos dos assassinos da PIDE, foram dos mais hediondos. Costas e pernas ficaram numa massa arrasada. Deslocaram-lhe o braço direito. Partiram-lhe os ossos do nariz. Os esbirros salazaristas lançaram-no ao ar, repetidas vezes, e deixaram-no cair desamparado no chão. Torceram-lhe os testículos. Diniz Miranda teve um comportamento heróico, que lhe grangeou um indiscutível prestígio entre a juventude.

Em 1959 voltou a ser preso. Tornara-se um militante activo do Partido Comunista Português. Em Dezembro desse mesmo ano evadiu-se da colónia penal de Paços de Ferreira e re-

tomou o seu posto na luta clandestina. Diniz Miranda adquiriu uma maior experiência e elevara-se a cargos de responsabilidade.

Em Maio de 1967 a PIDE prendeu-o pela quinta vez. No acto da prisão fez fogo sobre ele e só ocasionalmente o não atingiu. Foi agredido à coronhada. Diniz Miranda, apesar de ferido, tentou desembuchar-se dos esbrios da PIDE e lutou contra elas.

Nos antres da PIDE, foi submetido à tortura do sono, durante 15 dias consecutivos, alguns dos quais num quartel de disciplina, onde se realizavam execuções e torturas a membros da PIDE, que usava o suor caro.

No final Diniz Miranda deu provas do seu devotamento. Não falou. Manteve a boca cerrada.

A 24 de Janeiro do corrente ano, diante do tribunal plenário de Lisboa, Diniz Miranda, o operário do Montoito, arreou a sua voz para denunciar a dureza fascista e os crimes da PIDE para defender os nobres ideais do comunismo, para realisar a sua fidelidade à causa do proletariado e do seu Partido.

Honoroso exemplo de comunista, que se soma a outros bem recentes e vivos: os de Domingos Abrantes, Ilídio Esteves, Rogério de Carvalho, Guiherme de Carvalho, Maria da Conceição, Mariana Janeiro, Aida da Paule, Lígia Calapaz, Seldinha Sanches, combatentes abnegados que, horas de tortura ou ante os seus fascistas manteram uma conduta exemplar, uma atitude de firmeza e de coerência, que honram sobremaneira a causa da Democracia e do Socialismo, a que devotaram as suas melhores energias.

LIBERTEMOS PIRES JORGE E SOFIA FERREIRA

Mais uma vez na Fortaleza de Peniche, após a transferência do Hospital-prisão, Pires Jorge continua com a saúde gravemente abalada.

Nas virtudes de combatente da democracia que Pires Jorge é o exemplo, encontrarão a classe operária e os trabalhadores, os jovens, democratas e partidários da paz de Portugal o estímulo que os levará, através da organização e unificação

de esforços, do amplo desencadeamento de iniciativas, a conquista do objectivo de libertar os detidos temporários: PIRES JORGE, Salvar PIRES JORGE.

Também na Fortaleza de Caxias, SOFIA FERREIRA com a pena cumprida, chagada a angustiosa situação de ver enguijarem-se as únicas possibilidades de salvo, uma gravíssima situação de sede que exige, em liberdade, tratamento cirúrgico urgente.

Multiplicaremos as peças pela liberdade imediata de PIRES JORGE e SOFIA FERREIRA.

Multiplicaremos o envio de abaixo-assinados, cartas, postais, telefonemas, às autoridades fascistas.

TRABALHADORES! INTENSIFIQUE AS VOSSAS LUTAS



OS TRABALHADORES DA TÉXTIL DEVEM DEFENDER OS SEUS INTERESSES

A indústria têxtil está em crise. Quais as causas dessa crise? As causas dessa crise residem na política económica do governo voltada para a exportação, aliada à ganância dos industriais, à redução do mercado exterior, ao baixo poder de compra do povo, à ação dos grandes bancos, à política de concentração industrial, à penetração imperialista no nosso país.

Várias empresas fecharam as suas portas, ignorando a situação em que ficava o seu pessoal. Outras passaram a laborar 3 e 4 dias por semana. Os salários dos trabalhadores, demasiado baixos, quando foi elaborado o último contrato colectivo, estão hoje muito mais reduzidos no seu poder de compra, em face do incessante aumento do custo de vida. Os industriais e o governo fascista, responsáveis pela actual situação, não querem ouvir falar em aumento de salários nem noutras reivindicações dos têxteis.

Que devem fazer os trabalhadores desta indústria? Tomar a peito a defesa dos seus interesses. Fecham empresas? Reduzem-se os dias de trabalho? É necessário organizar a luta contra o desemprego, sob a palavra de ordem pão ou trabalho.

São baixos os salários? Os operários têxteis não podem renunciar à luta por aumento de salários, como não podem desistir da satisfação de outras reivindicações. Eles não podem fazer o jogo dos industriais e do governo.

Em face do desemprego, dos baixos salários, dos roubos, das multas e castigos, da falta de protecção no trabalho, de falta de assistência, das mil formas de exploração, os operários têxteis só têm o caminho da luta. Luta nas empresas e no sindicato pela conquista das suas reivindicações. Luta que se baseia na sua unidade e organização.

Só assim poderão fazer triunfar as suas mais legítimas aspirações.

NOVAS GREVES — NOVAS PARALISACÕES por aumento de salários

Em empresas e classes profissionais os trabalhadores lutam activamente por melhores condições de vida.

OLHÃO — No passado mês de Maio as valentes operárias deste importante centro da indústria de conserva de peixe, fizeram greve durante dois dias em apoio da sua reivindicação de aumento de salários.

Abandonando o trabalho centenas de operárias sentaram-se nos passeios das ruas, junto das fábricas e na estrada que liga Olhão a Faro, dificultando e obrigando mesmo a paralisar o trânsito. Esta original forma de luta chamou a atenção da população para a greve das conservadeiras.

SETÚBAL — Ao tomaram conhecimento da luta das suas camaradas de Olhão, as conserveiras de Setúbal lancaram-se

NOVA GREVE DOS PESCADORES DE MATOSINHOS

(continuação da 1.ª pág.) O peixe que no dia 1 os pescadores se negaram a destargar teve que ser lançado ao mar já deteriorado.

Havendo miséria nos lares dos pescadores, recusando-lhes o direito ao peixe da tradicional caldeirada, os armadores e as autoridades policiais preferiram lançar o peixe no mar a ceder à sua justa reivindicação!

Porém, face à firmeza dos pescadores e também dos mestres, os armadores foram obrigados a ceder os \$50 reivindicados, sen-

do libertados os mestres que haviam sido presos.

Posteriormente a Pide prendeu alguns pescadores, membros da comissão de unidade. Estas prisões mantinham-se ainda ao encerrá-la esta notícia.

Valentes pescadores de Matosinhos! Mais uma vez a vossa unidade e firmeza vos deu a vitória!

Continuai unidos na luta pela caldeirada e restantes reivindicações!

Não permitis a prisão de um único camarada!

Concentrações de trabalhadores POR AUMENTO DE SALÁRIOS

Fábrica de papel de Oeiras

Os operários e operárias desta empresa fizeram duas concentrações nos escritórios para reclamar aumento de salários.

Na tentativa de intimidar os trabalhadores, o patrão tem-se servido de todos os estratagemas, chegando a referir-se à prisão de um antigo operário da fábrica pela PIDE em meados do ano passado.

Para responder às ameaças veladas do patronato e forçá-lo a atender sem demora a sua reivindicação, os trabalhadores têm um caminho: reforçar a sua unidade e prosseguir corajosamente a sua acção.

Sociedade Estoril

Para reivindicar aumento de salários, os trabalhadores fizeram uma concentração nesta empresa.

A melhoria substancial de salários é um problema vital para os trabalhadores da Sociedade Estoril.

Este potentado ferroviário

elevou, há alguns meses, com o acordo do governo, o preço dos bilhetes de passageiros e dos depósitos de embrulhos e mercadorias, aumentando assim, substancialmente, o nível dos seus lucros.

Entretanto os potentados da Sociedade Estoril resistem à reclamação do seu pessoal para que lhe seja concedido um aumento de salários, correspondente à subida do custo de vida.

Trabalhadores da Sociedade Estoril! Persisti na luta até à satisfação das vossas reivindicações.

Realizai novas e mais potentes concentrações junto da generalidade e do sindicato.

Onde está o contrato colectivo das conserveiras

Voltaram a reunir-se a Corporação das Conservas e os dirigentes sindicais, que de novo analisaram o problema do contrato colectivo das operárias conserveiras prometido há mais de dois anos. Mas até agora não há novas nem mandado do contrato.

Que devem fazer as conserveiras? Forçar o patronato a cumprir as promessas. Organizar a luta para que sejam aumentados os salários, para que sejam satisfeitas as suas reivindicações, várias vezes formuladas nas celas do «Avante!».

A laboração das fábricas favorece a organização e o desenvolvimento da luta.

Conserveiras e conserveiros! Não aguardéis de braços cruzados.

Organizai as vossas comissões de unidade. Estabelecei ligação entre vos, para concertar a luta em cada centro industrial e à escala do país. A vossa união faz a força. Concentrai-vos no sindicato e exigí que vos seja dado conhecimento sobre o andamento do contrato. Exigí que este seja assinado depois de aprovado por vós. Ide em massa à gerência para reclamar aumento de salários e a satisfação das vossas reivindicações.

POVO PORTUGUÊS! O PREÇO DO PÃO VAI AUMENTAR

Após meses de conluios entre o governo fascista e os industriais de panificação, o preço do pão vai ser aumentado. Mais uma vez os governantes salazaristas se colocam do lado dos poderosos contra o povo. Mais uma vez o povo deve escolher o caminho da luta, reagir desde já contra o aumento do preço

do pão, através de reuniões de concentrações, de protestos, de abaixo-assinados, de manifestações de rua.

Só a luta da classe operária, só a acção organizada do povo, só a activa participação das mulheres poderá evitar que o governo fascista aumente o preço do pão.

Portugal deve abandonar o Pacto do Atlântico

Instrumento de guerra e de chantagem do imperialismo, dirigido contra a URSS e os outros países socialistas, o Pacto do Atlântico, criado em 1949, tem sido desde então um factor importante de agravamento da tensão internacional.

Ao dar-lhe a sua adesão imediata e entusiástica, Salazar abrigava o sonho dum guerra agressiva vitoriosa contra os países socialistas e o consequente triunfo da mais negra reacção à escala mundial. Mas não apenas isso; Salazar precisava de um apoio directo exterior, mesmo armado, no caso do seu regime perigar. Como é sabido, precisamente nessa altura, o regime salazarista vinha de sofrer fortes ataques das forças anti-fascistas portuguesas até então unidas no MUNAF e no MUD. As portas de Portugal foram então abertas de par em par à penetração imperialista norte-americana e de outros países, hipotecando-se assim a independência e soberania nacionais e dispendendo-se milhões de contos para fins militares, que tão necessários eram para o desenvolvimento económico e cultural do país.

Mais de 8 milhões de contos foram esbanjados de então até hoje ao abrigo do Pacto do Atlântico em despesas militares diversas, como construção de bases e outras estruturas onde se aquarelam soldados estrangeiros, que pela sua natureza poderão por em perigo a segurança e até a existência de Portugal. Esta realidade parece estar hoje mais clara, para aquelas pessoas que através dos anos não se causavam de acusar os comunistas de exagerados.

Numa acção de legitima defesa os países socialistas criaram o bloco militar do Pacto do Varsóvia, proclamando no entanto desde logo estarem prontos a dissolver-se os países do bloco militar do Pacto do Atlântico se dispusessem a fazer o mesmo.

A existência de blocos militares opostos, ao mesmo tempo que obriga ao dispêndio de somas fabulosas que aplicadas na construção pacífica contribuiriam para a elevação do nível de vida de centenas de milhões de pessoas, são um factor de agravamento das relações internacionais.

Nos quase vinte anos decorridos o crescimento da potê-

cia do campo socialista e sua consequente política em defesa da paz mundial, a luta activa e heróica dos povos, com a classe operária à frente, contra os fomentadores de guerra, pela defesa da paz, pela democracia e a independência nacional, repreenderam os loucos designios dos novos pretendentes à hegemonia mundial e dos seus servis lacaios, como Salazar, impuseram em várias ocasiões um rumo diferente à política internacional, obtiveram novas conquistas democráticas, novos países alcançaram a sua independência.

Algumas derrotas parciais e temporárias das forças democráticas e progressistas, sofridas em várias partes do mundo, em pouco modificaram o panorama geral apresentado atrás.

A dissolução dos dois blocos militares — Pacto do Atlântico e Tratado de Varsóvia — colo-

ca-se hoje na ordem do dia e continua a ser insistentemente preconizada pelos países colonizadores. Uma tal medida contribuiria para melhorar as relações internacionais, retirar grandes somas para obras de fomento de ajuda a povos mais necessitados, abriria novas perspectivas aos povos, na luta pela defesa e consolidação da paz à escala mundial, pela democracia e a independência nacional. Esta reivindicação tornaria-se comum a todos os povos da Europa, tanto dos países do campo socialista como dos países imperialistas.

Como parte integrante da luta contra o domínio imperialista europeu em Portugal, a luta pela saída do Portugal do Pacto do Atlântico apresenta-se hoje como um imperativo racional e encorajador ao seu povo português pela liberdade política.

O Pacto do Atlântico é contrário aos interesses nacionais. Esta é grande razão porque tudo deve ser feito para Portugal abandonar esse bloco militar agressivo.

OS COLONIALISTAS MORDEM O PÓ DA DERROTA

Arnaldo Schultz, o general nazi, demitiu-se do seu cargo de chefe supremo das forças armadas da Guiné e de governador daquela colónia.

A 4 de Novembro de 1967, Arnaldo Schultz afirmava publicamente à imprensa, numa das suas inúmeras visitas à metrópole: «O ponio de vista militar a viória continua a ser nossa».

Arnaldo Schultz selou a carreira de colonialista enfurecido com o pedido de demissão, que as autoridades fascistas transformaram, ante a opinião pública, no cumprimento normal da sua comissão de serviço.

Para reconstarem, nomearam-no membro do conselho superior ultramarino. Não tardará que vejamos integrado no conselho de administração de uma grande companhia monopolista.

O brigadeiro Sebastião Ribeiro Spinola foi ocupar o cargo de governador da Guiné. A um general fanfarrão sucede-se um militarista não menos imperitado e cruel. Ribeiro Spinola celebrou-se nas matanças de Angola. Era o 2º comandante da G.N.R., onde se tornou famoso pelo seu despotismo. Hoje, de confiança dos monopólios, ligado à Siderurgia Nacional, o brigadeiro Spinola continuará as destruições massivas a napalm e a bombas de fosforo, continuará os crimes inauditos contra os povos da Guiné e garantirá, como fez Schultz, que a pacificação daquela colónia será uma questão de semanas.

Mas os povos da Guiné pegaram em armas para sacudir a opressão colonial. São eles que decidirão os seus destinos. Em Angola, a luta circunscrita ao Norte esteende-se por uma larga área na zona leste. O quartel-general do MPLA instalou-se em território angolano. Os sucessos das forças de libertação põem em jogo o poder dos monopólios e do imperialismo estrangeiro.

Os alhos comedos salazaristas, com dominados pelo receio das confrontações entre a barbara agressão imperialista americana no Vietnã e as suas sordidas guerras coloniais,

Solidários no crime

No dia 4 de Março devia realizar-se, no salão paroquial da Igreja de Santa Isabel, em Lisboa, uma «mesa redonda» sobre o assassinato, nos Estados Unidos, do Dr. Martin King, dirigente integrante do Movimento Negro. Naquele dia reunião usava da palavra o Prof. Linhares Cintra, da Faculdade de Letras de Lisboa, Maria de Fátima Pereira Basto, José Carlos Múere e Frank Pereira.

O subserviente papel de lacaio do imperialismo americano, que desempenham os governantes fascistas, learamos a actuar com o seu conhecida brutalidade.

A reunião não foi apenas interditada. O sinistro bando da PI DE actuou em força, agredindo violentamente as pessoas, com desrespeito evidente pelo local e pelos princípios cristãos que animavam os participantes daquela assembleia.

Mais uma vez, tal como aconteceu ao reprimir anteriormente as manifestações dos estudantes do Porto e do povo de Lisboa, contra a criminosa guerra de agressão do imperialismo americano no Vietnã, o fascismo salazarista torna patente a sua cumplicidade com a pior reacção mundial.

sobre populações indefesas, provocando a morte de dezenas de pessoas, criando novos focos de provocações e tensão, provocando a morte de milhares de homens.

As forças coloniais compravam na praia as palavras dos Negócios Estrangeiros, Franco Nequeira, quando afirmava na sua conferência, na cidade do Faro, a 2 de Junho passado: «Nenhum país deve ser considerado um adversário ou subalterno da consciência e lembramo-nos de que não são formados de sanctos nem de super-homens os demais povos!».

Expressiva atitude está que encerra toda a criminosa linha de actuação dos colonialistas portugueses e dos governantes fascistas nesta guerra de opressão.

Quantias recebidas dos amigos do Partido

Abeixo a guerra	Idem 49	65000	Idem 1.000\$00	Valente
colonial	Idem 58	50000	Lid. para Reg.	(12.1.2-3) 100\$00
Aida Paula (Maneis)	20000	comunitário	do Carvalho	Ref. agrária
Alelén, verm. 800	Comerciante	500\$00	Iho (S)	Ref. agrária
Alelén, verm. 800	Comissário para	100\$00	Std. Sanchez	500\$00
Alelén, verm. 800	P. P. (500\$00)		Std. Sanchez	40\$00
Verm. (G) 20000	Contas ver.	meios	Vietnam	20\$00
Idem (P) 2.50000	meios	259\$50	Sedov (6.7) 20\$00	
Idem (V) 700\$00	Democracia	socialista	M. orgul.	20\$00
A memoriais	Democratas		Ihesa	Sombra ver.
Bento Gonçalves	amigos	350\$00	Martinheiros de melha	50\$00
calves	Diniz M. A.		vanguarda	20\$00
Amigo de loja 58	Diniz M. A.		revolução	50\$00
Amigo de loja 58	Eduardo	1.000\$00	Fernandinho (12.1.2-3)	1.900\$00
Amigo de loja 58	Escola revolução		cento	3.33\$00
Amigo de loja 100	Esudante	60\$000	Fernando	Unidade de
Amigo de	vermelho	60\$000	cento (6.67)	ação (ET) 300\$00
Partido	vermelho	55\$000	3-68) 360\$00	de classe 50\$00
Amigo de	Filho de peixe		Memória de Luisa Paula 300\$00	memória (ET) 20\$00
Partido	Filho de peixe		União	Revolução 20\$00
Amigo de	G.D.A. (12.1-2-3) 80\$000		Pinhalinho	Velhos cas
Quinta	Grupo de	40\$000	Natal (A)	maradas 190\$00
Amigo e	amigos do		30\$000	Idem 200\$00
arredores	Avenida	100\$000	Natal (B)	lida 1.00\$00
Amigo seu	Grupo do I.	12.000	Idem (D)	20\$000 Viva Lénine 170\$00
Amigo seu	do I.	12.000	Idem (F)	20\$000 Viva o PCP
consagração	Imp. Democrática	100\$000	Idem (H)	3.000\$000
AP.	meio (2.3) 100\$000		Idem (M)	5.000 Viva o P. 1.800\$00
Amigo	revolução		Idem (N)	5.000 Viva o Viei
Amigo	rio (12.1)	100\$000	Oriveis	5.000 livre 450\$00
Anónimo (6-67)	rio (12.1)	100\$000	Ourives	5.000 Idem 140\$00
	rio (12.1)	100\$000	55\$000	50\$000 Idem 50\$00
	750\$000		Pedro Soares	50\$000 Viva 1.º de Maio 100\$000
Arquimedes	Início campo		7.687 a 700\$000	4 amigos 20\$000
	nha venda		3.687	Idem 20\$000
Aurélia	o que não		700\$000	50 vivas ao
Dias (I)	400\$000		Pela libertad	comunismo 50\$000
	650\$000		de Angola	50\$000 Pires Jorge 50\$000
Bairraco	700\$000		Por um verd.	democracia 23\$00
Campo Livre	1.100\$000		Idem	35\$000
Car. Eusébio	5570 José Gr.		Prof. Pulido	TOTAL 48.343\$20
Chelepin	gório	2.500\$000		
Cing. da Rev.	munista	20\$000		
do Outubro	Liberdade Lígia			
Idem 43	Calapez	500\$000		
Idem 45	Liberd. para			
Idem 46	100\$000 Pires Jorge (B)	50\$000		
Idem 47	100\$000 Idem (J)	20\$000		
Idem 48	90\$000 Idem (M)	20\$000		

NOTA: Nos 40.252\$000 da campanha

«Natal do Povo» Publicado nos

notas do «Avante» do mês de Abril estão

Incluídos 2.400\$000 de G.D.A. Rece-

bidos de solidariedade 4.500\$000 enviados

por Can. (S.P.), a que daremos o devido

Receio de confrontos

Com enorme entusiasmo, os marinheiros do quartel do Alfiteiro acolheram as torpedes lançadas no 1º de Maio condeneando a agressão do imperialismo americano.

Todos bascularam para que no dia seguinte salisse à cordama um apelo aos marinheiros, para que se conservassem com calma e moderação e para se não deixarem «impressionar» com a propagação «subversiva».

Os alhos comedidos salazaristas, com dominados pelo receio das confrontações entre a barbara agressão imperialista americana no Vietnã e as suas sordidas guerras coloniais,

VIGOROSAS LUTAS DOS ESTUDANTES DE LISBOA E PORTO

GREVE DOS PONTOS DE MATEMÁTICA NA FACULDADE DE ECONOMIA DO PORTO

Enquanto decorre vitoriosamente a greve de um dia dos estudantes do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras de Lisboa, conforme foi noticiado no número anterior do «Avante», os estudantes do 1.º ano da Faculdade de Economia do Porto cavam igualmente eloquentes provas de unidade, consciência e combatividade na luta pelos seus interesses pedagógicos, realizando com êxito a greve aos pontos de Matemáticas Gerais nos dias 28 e 29 de Março.

Eram ilegais os pontos eliminatórios que lhes queriam impôr. Porém, com manobras demagógicas, as autoridades académicas insistiam em pronunciarse pela «legalidade» dos pontos.

Numa cadeira em que a percentagem de 90% de reprovações anuais é já verdadeiramente alarmante, tal medida significaria ainda um agravamento da situação.

Ante a resistência oposta aos seus argumentos, os estudantes concluíram com razão que era impossível resolver pelo diálogo este grave problema. Tornava-se indispensável recorrer a novos métodos de luta e mobilizar para a ação todos os estudantes atingidos.

Num documento posto a circular e em que os estudantes do 1.º ano decidiram não fazer os pontos, convocavam-se uma Reunião Geral. Um abaixo-assinado com 160 assinaturas apoiando o pedido de Reunião Geral de Alunos, por parte da Comissão Organizadora, enquanto vários grupos de estudantes continuavam a pressionar junto dos professores, obrigaram o reitor a autorizar a reunião.

A reunião geral do dia 27 foi um importante passo para a vitória, em que os estudantes fortaleceram a sua unidade e determinação. Apesar das aulas e pontos de outras cadeiras, a reunião teve a participação de 120 estudantes que decidiram por esmagadora maioria não comparecer aos pontos. Uma Comissão

Delegada constituída por 12 elementos foi eleita à fin de assegurar o encerramento de professores e estudantes da decisão tomada.

Às 18,30 horas de manhã seguinte, e perante a multidão humana, Geral recusava-se em massa a fazer o ponto. Nas formas seguidas os dias 28 e 29 já não havia propriamente «piquezes» de esclarecimento. Os próprios estudantes concentravam-se em massa à porta das salas, cumpriram esse respeito, e logo a seguir cerca de 400 alunos iniciaram essa saída, que se repetiu ao longo das 12 horas diferentes, e com o ponto marcado a heras diferentes, recorrem ao «mântime» e colectivamente a fazer pontos. Nem um só estudante «frouxo» da greve, nem um só iria a decisão colectiva tomada na Reunião Geral.

Após o êxito da sua greve, os estudantes não podem esquecer que apenas uma batalha foi vencida.

A luta contra os pontos eliminatórios deve preparar a luta contra as reprovações massivas, que atingem igualmente outras Faculdades, tais como as de Ciências e de Arquitetura, onde os problemas pedagógicos são os mesmos.

Concentrações de estudantes NO INSTITUTO INDUSTRIAL DO PORTO

A luta dos estudantes portugueses pela conquista dos seus direitos associativos é uniforme e corajosa. Assim o demonstram as recentes ações dos estudantes do Instituto Industrial do Porto.

Aos pedidos dos estudantes para a realização de uma reunião geral numa das salas do Instituto, o director Aires de Gama digno subordinado de Galvão Teles, respondeu com atitudes de sabotagem, oscilando entre a recusa formal e a autorização, seguida de actos arbitrários e defeção policial, que levaram ao encerramento das instalações da CSAIIP.

Os estudantes, porém, reagiram corajosamente aos actos do director, desmantelando os portões do Instituto e mandando ocupar os corredores do Instituto e, se realizarem o reunião, na qual foram apresentadas várias moções em defesa da CSAIIP e contra a Mocidade Portuguesa.

Dos dirigentes da CSAIIP foram suspensos devido à resistência ao encerramento do Instituto e a ameaça de desistência de um processo a instalar. Ante esta violência do director, os organismos associativos dos estudantes do Porto apelaram para uma concentração de protesto em frente do Instituto. Apesar das forças do PSP e do PIDE e de outros agentes de segurança de Breyner, centenas de estudantes conseguiram penetrar no Instituto. Apesar da direção Aires de Lima que refugiou-se na secretaria, que os estudantes invadiram os gritos de «director!» «covardes!». Ante o combalhido e unidade estudantil, o director autorizou um encerramento temporário das instalações da CSAIIP e anular as sanções disciplinares contra os dois dirigentes associativos. Prometeu igualmente apresentar ao ministro da Educação as reivindicações dos estudantes.

Cerca de 400 estudantes reuniram-se na Secção Regional da Ordem dos Engenheiros, dirigida por um delegado que devia acompanhar o director do Instituto a Lisboa.

Pormenor Aires de Lima chegou com a decisão de um cobarde. Anulou todas as promessas feitas, manteve as determinações anteriores.

A reacção dos estudantes não se faz

Concentração de 1.000 estudantes em Lisboa luta unida contra a comissão administrativa na Faculdade de Ciências de Lisboa

Ao prolongar indefinidamente através de eleições para a direcção. Num curto intervalo, mais de 700 assinaturas já tinham sido recolhidas.

A franca adesão dada a esta iniciativa pelas massas estudantis levou o Conselho Escolar a apoiar a maioria das reivindicações formuladas pelos estudantes, nomeadamente a realização de eleições.

Os fascistas procuraram sufocar o impeto combativo que animava os estudantes, ao verificar que o descontentamento na Universidade se traduzia em luta unida. Por isso, recorreram sem demora aos velhos métodos de repressão violenta. Agentes da PIDE caíram sobre dezenas de estudantes, espancaram-nos brutalmente na noite de 8 de Maio, quando estes se dirigiam para o Instituto Superior Técnico.

Porém, nem a intimidação nem a violência conseguiram evitá-las, no dia seguinte, cerca de mil estudantes se concentraram na reitoria para protestar contra o despacho do Ministério de Educação Nacional a exigir a entrega do abaixo-assinado no dia 10 de Maio, empurrando carlos com inscrições, «Viva a CSAIIP», «Abajo a Mocidade Portuguesa».

A luta dos estudantes do Instituto Industrial do Porto, à beira do termo do ano escolar, concentra-se agora no desfecho das coletivas sancionadoras. Mas ela deve reconhecer, mais vigorosa, mais ampla, mais firme, quando as suas reivindicações forem cumpridas. A luta deve bateram, com total decisão, coragem e eficácia de «só é uma parte integrante da luta dos estudantes portugueses pela conquista dos seus direitos associativos, contra os abusos e as limitações do poder fascista, contra o abuso do Ensino».

VIETNAM O PASSO PARA A PAZ

Há gente bem intencionada que considera aceitável, como base para a paz no Vietname, a fórmula de Santo António, apresentada pelo presidente Johnson. Desta modo se coloca no mesmo plano os agressores americanos, que levaram o Vietname à ocupação e à morte, e um povo martirizado, que no meio de destruições inauditas, de sacrifícios imensos, de um heroísmo exemplar, quer viver livremente.

A paz no Vietname é incompatível com os actos de guerra dos Estados Unidos, com os crimes mais bárbaros, com os bombardeamentos massivos, com a fúria repressiva que atinge um povo inteiro e o procura submeter à lei do invasor.

Quando os bombardeiros cessarem de despejar bombas, quando os soldados americanos deixarem de pressionar o gatilho, quando novos contingentes de tropas dos Estados Unidos param de descer na terra do Vietname e as que ali estão se dispuserem a regressar ao seu país — por ser inútil e indesejável a sua presença — a paz baixará sobre o Vietname arrazado, mutilado, sobre o seu povo que escreve a mais grandiosa epopeia de liberdade.

As conversações de Paris não avançam porque os imperialistas dos Estados Unidos não se dispõem a dar o único passo que conduzirá à paz: o da cessação incondicional dos bombardeamentos e de outros actos de guerra.

Obrigá-los-ão a força do heroísmo desse povo magnífico, a sua luta sem tréguas, o seu firme propósito de viver em paz e liberdade.

Obrigá-los-ão as poderosas forças do socialismo e da paz do mundo inteiro em cuja torrente de solidariedade se devem integrar os actos da classe operária, da juventude, das mulheres, dos intelectuais de Portugal, em defesa do Vietname.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL AOS ESTUDANTES

Num abaixo-assinado dirigido ao Presidente da República, mais de 5.500 jovens que estudam na União Soviética protestaram contra o fascismo salazarista e a sua política de repressão, exigindo a libertação imediata de todos os estudantes presos, destacadamente José Bernardino, Saldanha Sanches, Lúcio Colapez e Jorge Araújo. Os signatários do documento pertencem a 97 países, dentre os quais, dado a impossibilidade da sua integral transmissão, mencionaremos apenas: URSS, Argélia, Angola, Guiné, Moçambique, Bélgica, França, Checoslováquia, Itália, Espanha, Vietnam, Roménia, Uruguai, etc.

A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ constrói o socialismo

A República Democrática Alema é o primeiro estado de operários e camponeses na Alemanha.

Os camponeses trabalham hoje a terra sob a forma de herdes colectivas ou cooperativas agrícolas e edificam o socialismo na sua Pátria.

A produção agrícola, na República Democrática Alema, é baseada nos mais modernos processos científicos e no largo emprego de máquinas, de modo a permitir o abastecimento de géneros alimentícios necessários à nova sociedade. A existência de grandes centros agrícolas, que se assemelham mais a uma grande empresa industrial, permitem a criação em instalações próprias e pelos modernos processos científicos, de milhares de aves, porcos e vacas.

No plano económico traçado pelo VII Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha, previu-se um aumento da produção agrícola e agropecuária entre 20 a 25% até ao ano de 1970. Para isso o Estado põe à disposição dos camponeses e dos jovens em particular consideráveis meios técnicos, e permite-lhes através do estudo em escolas superiores, universidades, ou outros centros educacionais, adquirir uma preparação técnica de modo a poderem desempenhar as suas tarefas. Só nos últimos 4 anos o número de jovens interessados na agricultura aumentou para o dobro, sendo a terça parte composta de técnicos, criadores de gado, ou mecânicos de maquinaria agrícola e de tractores.

A existência de modernas instalações automáticas, os métodos científicos da produção agrícola industrial, criam aos jovens camponeses novas perspectivas, dando-lhes ao mesmo tempo uma maior consciência do valor da sua actividade, destinada a servir a nova sociedade.

Enquanto no nosso país os planos económicos e agrícolas traçados pelo regime fascista se destinam a proteger unicamente os grandes monopólios, os grandes agrários e capitalistas, donos e senhores da terra, agravando as dificuldades com que se debatem milhares de camponeses que a trabalham, a R.D.A. desenvolve os seus planos agrícolas numa base científica, cria novas possibilidades económicas às massas camponesas e trabalhadoras, hoje donos da terra, de modo a assegurar-lhes um nível de vida e de bem estar geral na nova sociedade socialista.

O «Avante» não se destrói

Com o seu esforço, com o seu espírito de iniciativa levou o «Avante» a prosseguir a sua grande missão de luta. Deixa-o em lugar onde possa ser encontrado por trabalhadores, análogos pelo correio a um democrata ou a um amigo.

FRANÇA

Das grandes manifestações de Maio ás eleições parlamentares

Em Junho passado a França foi chamada a votar. O resultado das eleições deu uma maioria de deputados de Gaulistas, mas não lhe deu a maioria dos votos de eleitorado francês. Num total de 22 milhões 138 mil votantes, os partidários de De Gaulle tiveram o apoio de 9 milhões e 600 mil. As forças de esquerda contaram com um número de votos aproximadamente igual. O Partido Comunista Francês, que continua a ser de longe o maior partido democrático da França, obteve 4 milhões 351 mil 557 votos. A Federação das Esquerdas conseguiu 3 milhões 634 mil sufrágios. Foi quer contar ainda com os votos do Partido Socialista Unificado.

Uma lei eleitoral iníqua, feita para garantir a reacção uma maioria estável no Parlamento, falhou os dados eleitorais. Se em vez da presente lei eleitoral existisse a votação proporcional, muito mais democrática e representativa, o Partido Comunista Francês teria no parlamento 91 lugares, a Federação das Esquerdas 75 e os de Gaulistas não passariam de 188.

É certo que os resultados eleitorais surpreenderam muita gente, não apenas em Portugal mas no mundo. Depois das grandes greves de Maio deste ano, que mobilizaram 10 milhões de trabalhadores, que levaram à ocupação das fábricas, das garagens de caminhão de ferro, dos depósitos de material de trans-

portes, dos portos e barcos, de empresas comerciais, das universidades; depois do poderoso movimento grevístico — o maior que a história da classe operária francesa conheceu —; depois de uma rica experiência de luta que não podia deixar dúvidas sobre o carácter do regime de Gaulista, seria de esperar uma vitória das forças de esquerda sobre o poder dos monopólios.

Por que foram diferentes os resultados? Por que aumentou a influência de Gaulista, em vez de diminuir?

As grandiosas greves de Maio foram uma poderosa escola de luta e de unidade dos trabalhadores, reveladora de uma elevada consciência de classe, de uma combatividade provada, plena de iniciativa e de audácia. Mas a unidade, organização e combatividade dos trabalhadores franceses não correspondeu no plano político a ação das organizações de esquerda. Faltou uma ação coordenada eficiente, uma unidade actuante, no nível das grandes greves e do estado de espírito da classe operária. O vírus do anti-comunismo não deixou de assinalar-se em planos diferentes na acção de certas forças políticas, reduzindo o impeto da luta ou tentando acelerá-la para além das próprias possibilidades. Ao lado do oportunismo, floresceu, como seu complemento, o panheiro de caminho, o radicalismo pequeno-burguês, irresponsável e aventureiro, que causou graves danos ao movimento operário e democrático.

Os erros cometidos durante as greves reflectiram-se nas classes médias, oscilantes e precárias, levando-as a apoiar em certa medida o poder de Gaulista, a inclinar-se para os compromissos com a reacção através dos seus representantes políticos.

A batalha eleitoral foi conduzida dentro dum esquema ultrapassado, sem pilhas de ordem renovadas, que correspondem às aspirações das amplas massas, às amplas batallas por elas travadas, sem uma unidade actuante e ajustada às circunstâncias, enquanto do lado dos de Gaulistas e das forças reacionárias se reforçava a unidade, se mobilizavam todas as correntes do anti-comunismo, se procedia a um trabalho de divisão tendente a entorpecer a ação unificada das forças de esquerda, se faziam conluios tenebrosos, se procedia a actos de provocação e de terror, para conquistar uma vitória eleitoral.

A vitória de Gaulista constitui, sem dúvida, um êxito temporário das forças reacionárias. É uma ameaça às forças democráticas francesas. Mas nem por isso deixa de ser precária uma tal vitória. Os problemas postos pela classe operária da França, em Maio transacto, não podem ter solução no quadro de uma política reacionária que serve os interesses dos monopólios.

Os dez milhões de trabalhadores que participaram no mais poderoso movimento grevístico da história da França não deram o seu apoio a De Gaulle. Eles contam com um poderoso partido — o Partido Comunista Francês — que sabe tirar a lição dos factos, as conclusões que estes impõem à sua função de vanguarda. Um tal Partido saberá dirigir os trabalhadores em novos e decisivos combates, para que a França ocupe no mundo uma posição correspondente às suas gloriosas tradições revolucionárias.

DECLARAÇÃO de Amílcar Cabral

No dia 15 de Março, em Dacar, foram libertados três militares portugueses, que tinham sido aprisionados na Guiné pelas forças armadas do PAIGC.

Nessa ocasião, Amílcar Cabral, líder do PAIGC, fez uma declaração. Ao mesmo tempo, tomou denunciou os crimes e atrocidades praticadas pelos coloniais salazaristas na Guiné, sublinhando: «Nós não lutamos contra o povo português».

O grande objectivo do nosso combate (disse ainda A. Cabral) é a independência, a liberdade, a soberania nacional do nosso povo. Estamos prontos, em qualquer momento, a suspender os combates para encontrar uma solução política do conflito que épóca o nosso povo ao governo de Portugal. A única condição é o reconhecimento sem evasiva, por esse governo, do nosso direito inalienável à independência.